

UM

A chuva, especialmente para uma criança, contém cores e cheiros distintos. A chuva de Verão no Tirol é impiedosa. Tem uma obstinação taciturna, fustigadora, e apresenta-se com carregados matizes de verde-escuro. À noite, tamborila como ratos em cima do telhado ou imediatamente por baixo deste. Até mesmo a luz do dia se impregna da sua humidade. Mas é o cheiro que, ao cabo de sessenta anos, permanece comigo. A couro ensopado e caça pendurada. Ou, por vezes, a túbaras fumegando sob lama encharcada. Um mundo transformado em couve cozida.

O Verão era só por si de mau agoiro. Umás férias familiares na paisagem sombria, apesar de mágica, de um país condenado. Nesses meados de 1930, o ódio aos judeus e uma ânsia libidinosa pela reunificação com a Alemanha pairavam no ar austríaco. O meu pai, que estava convencido da iminência da catástrofe, tinha dificuldades em manter uma conversa com o gentílico consorte da minha tia, que conservava ainda um brandito optimismo. A minha mãe e a sua irmã, dada a ataques de histeria, procuravam criar um efeito de normalidade. Mas as recreações planeadas — nadar e remar no lago, passeatas pelos bosques e pelas montanhas — dissolveram-se nos aguaceiros perpétuos. A minha impaciência, as minhas exigências de entretenimento num chalé cavernoso cada vez mais húmido e, imagino eu, bo-lorento, devem ter sido pestíferas. Certa manhã, o tio Rudi foi

de carro a Salzburgo. Trouxe de lá um livrinho com uma sobrecapa azul e lustrosa.

Era um guia pictórico dos brasões da nobre cidade e feudos circundantes. Cada cota de armas era reproduzida a cores, juntamente com uma breve nota histórica relativa ao castelo, domínio familiar, episcopado ou abadia que identificava. O pequeno manual terminava com um mapa que assinalava os locais conspícuos, incluindo ruínas, e com um glossário de termos heráldicos.

Ainda hoje sinto a força do espanto, do choque interior que este fortuito «tranquilizante» desencadeou. O que é difícil de exprimir numa linguagem adulta é a combinação, a quase fusão de prazer e ameaça, de fascínio e inquietude, que senti quando me retirei para o meu quarto, com os canos a cuspirem sob os beirais alagados de chuva, e me sentei, hora após hora extasiada, armazenando na memória os nomes ornados daquelas torres, fortalezas e altas personagens.

Ainda que na altura não soubesse verbalizar de forma precisa o que então senti, aquele livro armorial deslumbrou-me com uma percepção da incalculável especificidade, da minúcia, da variegada singularidade da substância e formas do mundo. Cada brasão era diferente do outro. Cada um tinha a sua própria organização simbólica, o seu lema, história, local e data, que lhe eram absolutamente intrínsecos. Cada um «brasonava» um facto único da existência, fundamentalmente irreduzível. Nas suas esquarteladuras, cada componente gráfico, cor e padrão implicava o seu próprio significado exuberante. Muitas vezes, a heráldica faz encaixar brasões dentro de brasões. Este artifício tem uma sugestiva designação francesa, *mise en abîme*. Entre os meus tesouros havia uma lupa. Dediquei-me ao exame atento dos detalhes das formas geométricas e «bestiárias», das lisonjas, gelosias e mantéis de cada emblema; dos timbres, elmos e viróis que coroavam, flanqueavam as várias armas; do número exacto de borlas que ornavam os armoriais de um bispo, de um arcebispo ou de um cardeal.

A noção que, com certo impacte visceral, me invadia e me fascinava era a seguinte: se nesta obscura província de um pequeno país (Áustria reduzida) existem tantos brasões, quantos não haverá na Europa, em todo o globo? Não me recordo qual a ideia que eu então fazia, se é que fazia alguma, de números grandes. Mas lembro-me de me ter ocorrido a palavra «milhões» e me ter desanimado. Como é que algum ser humano poderia ver, dominar tamanha pluralidade? De repente apercebi-me, numa espécie de exultante mas também aterradora revelação, de que nenhum inventário, nenhuma enciclopédia heráldica, nenhuma *summa* de animais fabulosos, inscrições, marcas nobiliárquicas, por mais exaustiva que fosse, poderia jamais ser *completa*. A inefável sensação de frémito e desânimo que então me acometeu naquele quarto mal iluminado de Verão tardio sobre o Wolfgangsee (seria remotamente sexual?) orientou, em boa medida, a minha vida.

Começou a obcecar-me uma intuição do particular, das numerosas diversidades que nenhum esforço de classificação ou enumeração poderiam esgotar. Cada folha era diferente de todas as outras em cada árvore diferente (aventurei-me pelo dilúvio fora para me certificar dessa verdade elementar e miraculosa). Cada erva, cada seixo nas margens do lago era, eternamente, igual a si próprio. Nenhuma medida tirada pela segunda vez, por mais calibrada que fosse, ou ainda que executada num qualquer vácuo controlado, poderia jamais ser exactamente a mesma. Teria sempre um desvio de um trilionésimo de um milímetro, de um nano-segundo, de uma unha negra — ela própria uma profícua imensidade — relativamente a qualquer medida anterior. Sentava-me na cama a tentar sustentar a respiração, ciente de que a nova inspiração marcaria um outro começo, de que o passado era já irrecuperável na sua sequência diferencial. Intuiria eu que o perfeito fac-símile, fosse do que fosse, era impossível, que a mesma palavra dita duas vezes, ainda que reiterada a uma velocidade relâmpago, não era e não podia ser a mesma? (Muito mais tarde,

viria a saber que esta impossibilidade de repetição preocupara também Heraclito e Kierkegaard.)

Nessa altura, nos dias que se seguiram, as totalidades da experiência pessoal, dos contactos humanos, da paisagem à minha volta, tornaram-se um mosaico, cada fragmento simultaneamente luminoso e resistente na sua «quididade» (o termo escolástico para a presença integral, recuperado por Gerard Manley Hopkins). Não podia haver, bem o sabia, qualquer finalidade para as gotas de chuva, para o número e variedade das estrelas, para os livros a ler, para as línguas a aprender. O mosaico do possível podia, a qualquer instante, estilhaçar-se e reagrupar-se em novas imagens e movimentos de significação. O idioma da heráldica, aquelas «palas» e «contrabandas», ainda que o não conseguisse decifrar, devia ser, pressentia, apenas um entre inúmeros sistemas de discurso especificamente concebidos para a imensa diversidade de actividades, artefactos, representações ou ocultações humanas (ainda me lembro da estranha excitação que senti com a ideia de que uma cota de armas podia ocultar tanto quanto revelar).

Dediquei-me, como tantas crianças, a compilar listas. De monarcas e heróis mitológicos, de papas, de castelos, de datas religiosas, de óperas (tinham-me levado a ver o *Fígaro* no festival da vizinha Salzburgo). A garantia, através da voz da experiência dos meus pais, de que essas listas já existiam, de que podiam ser consultadas em qualquer almanaque ou obra de referência, não me trazia qualquer consolo. (As minhas indagações sobre anti-papas e como incluí-los irritavam visivelmente o meu algo cerimonioso e católico tio.) Os índices disponíveis da realidade, mesmo que tivessem milhares de páginas, os atlas, as enciclopédias para crianças, jamais poderiam ser exaustivamente compreensivos. Este ou aquele elemento, quiçá a chave secreta para o edifício, ficaria de fora. Pura e simplesmente, havia demasiado de cada coisa. A existência afluía e zumbia com uma diferença obstinada, como mosquitos em redor de uma lâmpada.

«Quem pode enumerar as nuvens e inclinar os odres do céu?» (Como é que o escritor de Job 38:37 já conhecia as chuvas na região de Salzkammergut?) Pode ser que não tenha citado de mim para comigo esse versículo naquele naufrágio de Agosto (ainda que o Antigo Testamento já fosse uma voz tutelar), mas conhecia bem aqueles odres.

Se a revelação da «unicidade» incomensurável me enfeitiçou, também me causou terror. E assim, eu regressava ao *mise en abîme* de um brasão dentro do outro, àquele «encaixe no abismo», meditava acerca de uma insondável fundura de diferenciação, de não-identidade, cuja origem estava desde sempre concatenada com a eventualidade do caos. Como podiam os sentidos, como podia o cérebro impor ordem e coerência ao caleidoscópio, ao *perpetuum mobile* da pululante existência? Acometiam-me vagos pesadelos sobre o facto, revelado na coluna científico-natural de um qualquer jornal, de um pequeno canto da floresta Amazónia servir de *habitat* a 30 000 espécies distintas de besouros. Admirando, copiando com aguarelas as armas baroniais ou episcopais ou cívicas, sopesando as ilimitadas variações possíveis sobre motivos formais e icónicos, sentia um singular terror. Não havia fim para o pormenor.

Destas infinidades emana um subtil sentimento de náusea. A sensibilidade clássica grega esquivava-se a números irracionais e ao incomensurável. O meu reflexo juvenil foi o de tentar conceber um brasão, tabardo e pendões heráldicos para um tal Sixtus von Falkenhorst, um prelado imaginário, belicoso e sensual, instalado num ermo montanhoso e praticamente inacessível, em cuja torre central se alojasse a lista das listas, a *summa summarum* de tudo isto. Este misto de encantamento e terror teve as suas consequências.

Conduzi os meus assuntos emocionais, intelectuais e profissionais sobre a desconfiança da teoria. Só sou capaz de conferir significado ao conceito de teoria nas ciências exactas e, até certo ponto, nas aplicadas. Trata-se de construtos teóricos que exi-